

**TRADUÇÃO  
EM RELAÇÃO  
ESPAÇOS DE  
TRANSFORMAÇÃO**

## **Conselho Editorial**

Alastair Pennycook  
Allen Quesada  
Ana Nery Damasceno Noronha  
Ana Sousa  
Antonietta Heyden Megale  
Aparecida de Jesus Ferreira  
Beatriz Gama Rodrigues  
Carmen Jená Machado Caetano  
Cátia Regina Braga Martins  
Daniel Silva  
Dllobia Santclair  
Elaine Fernandes Mateus  
Elkerlane Martins de Araújo  
Fernanda Coelho Liberali  
Joaquim Dolz  
Kleber Aparecido da Silva  
Lauro Sérgio Machado Pereira  
Li Wei  
Lynn Mário Menezes de Sousa  
Gabriela A. Veronelli  
Gisvaldo Araújo Silva  
Manuela Guilherme  
Reinildes Dias  
Ofélia Garcia  
Oseas Bezerra Viana Jr.  
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias  
Paulo Massaro  
Renato Cabral Rezende  
Rodriana Costa  
Rosana Helena Nunes  
Rosane Pessoa  
Ryuko Kubota  
Sávio Siqueira  
Sweder Sousa  
Tatiana Dias  
Veruska Machado  
Wilson Leffa  
Viviane Resende

Álvaro Faleiros  
Caroline Pessoa Micaelia  
Edgar Rosa Vieira Filho  
Henrique Provenzano Amaral  
Maria Teresa Mherab  
Mateus Roman Pamboukian  
(organizadores)

**TRADUÇÃO**  
**EM RELAÇÃO**  
ESPAÇOS DE  
TRANSFORMAÇÃO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Tradução em relação : espaços de transformação / organização  
Álvaro Faleiros... [et al.]. – Campinas, SP : Mercado de Letras,  
2022. Outros organizadores : Caroline Pessoa Micaelia, Edgar  
Rosa Vieira Filho, Henrique Provinzano Amaral, Maria Teresa  
Mhereb, Mateus Roman Pampoukian.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-611-7

1. Tradução e interpretação – Técnica I. Faleiros, Álvaro.
- II. Micaelia, Caroline Pessoa. III. Vieira Filho, Edgar Rosa.
- IV. Amaral, Henrique Provinzano. V. Mhereb, Maria Teresa.
- VI. Pampoukian, Mateus Roman.

22-104019

CDD-418.02

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Tradução e interpretação : Linguística 418.02

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final dos autores*

*bibliotecária:* Aline Grazielle Benitez – CRB-1/3129

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 2**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

## SUMÁRIO

Apresentação A TRADUÇÃO EM RELAÇÃO – ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÃO .....	7
---	---

### **Parte I – Tradução em relação**

NOTAS SOBRE TRADUÇÃO E RELAÇÃO .....	31
<i>Mauricio Mendonça Cardozo</i>	
TRADUÇÃO COMO RELAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A REFLEXÃO TRADUTÓRIA NOS ENSAIOS DE ÉDOUARD GLISSANT .....	43
<i>Henrique Provinzano Amaral</i>	
A RELAÇÃO E O RELACIONAL PARA LER A PROSA DE MALLARMÉ HOJE: UMA ABORDAGEM (RE)TRADUTÓRIA .....	71
<i>Caroline Pessoa Micaelia</i>	
LEGIBILIDADE E VISIBILIDADE EM RELAÇÃO NA TRADUÇÃO DOS CAHIERS DE SIMONE WEIL. ....	105
<i>Thiago Mattos</i>	
TRADUÇÃO E DERIVAÇÃO: TRÊS OLHARES .....	135
<i>Mateus Roman Pamboukian</i>	

## Parte II – Espaços de transformação

PROLEGÔMENOS PARA UMA  
ONTOLOGIA DA TRADUÇÃO: PARTE I..... 165  
*Leandro T. C. Bastos*

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E  
DIRECIONALIDADE DOS FLUXOS  
DE TRADUÇÃO: UM ESTUDO SOBRE  
O ROMANCE TRADUZIDO NO BRASIL..... 199  
*Maria Teresa Mhereb*

LES OIES SAUVAGES: UMA ABORDAGEM  
ANTROPOLÓGICA, ANÁLISE E TRADUÇÕES..... 225  
*Álvaro Faleiros e João Daniel Martins Alves*

DA PRÁXIS ANTROPOFÁGICA:  
OSWALD DE ANDRADE SOB O  
SIGNO DA TRADUÇÃO ..... 245  
*Edgar Rosa Vieira Filho*

WALLACE STEVENS E O USO DE GÊNEROS  
PICTÓRICOS: AS NATUREZAS-MORTAS ..... 269  
*Alessandro Palermo Funari*

“RÉMI”: “A RITA” DE CHICO BUARQUE  
REINVENTADA POR BÍIA KRIEGER ..... 301  
*Raissa Conde Cassiano*

AUTORIA..... 327

Apresentação  
A TRADUÇÃO EM RELAÇÃO –  
ESPAÇOS DE TRANSFORMAÇÃO

O grupo de estudos *Tradução em relação – espaços de transformação* foi criado com o intuito de agrupar pesquisadores da área de tradução da Universidade de São Paulo (USP) interessados em refletir sobre tensões e possibilidades atuais envolvendo as relações entre os estudos da tradução e outros campos do conhecimento. A adoção de uma perspectiva relacional, inerente ao campo do traduzir, amplia-se ao considerarmos os modos de atravessamento de nossa área com outras áreas afins, como filosofia, sociologia, música, pintura ou antropologia. A consciência de que boa parte das pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo articulava abordagens tradutórias com as de outras áreas levou à organização da primeira jornada do grupo em 20 de setembro de 2019. Durante esse frutífero dia de debates, foram apresentadas versões prévias dos textos agora aqui reunidos. Na ocasião eles foram comentados pelos professores Annita Costa Malufe, Luciana Carvalho Fonseca, Maurício Ayer e Roberto Zular, a quem agradecemos. A essas atentas leituras críticas somaram-se as nossas próprias, uma vez que cada um dos textos aqui reunidos, após a jornada, passou por discussão interna nos encontros do grupo ocorridos durante o ano de 2020. Estamos, pois, diante de ensaios escritos, comentados e reescritos ao longo de quase

dois anos de trabalho coletivo, acrescidos das instigantes “Notas sobre tradução e relação” do professor Mauricio Mendonça Cardozo, cujos trabalhos foram importante baliza para nossas discussões.

Como bem observa Cardozo em suas “Notas” especialmente escritas para este volume, pensar a tradução como relação é atentar para o modo como se estabelece uma *razão relacional*. Nessa perspectiva, se há tradução, há também uma *poiesis* da relação; há uma construção, um esforço relacional, que é um *trabalho de relação*. Esse trabalho, contudo, cujo resultado é um texto traduzido, nem sempre é produzido para ser lido “como tradução”. O pensador da tradução, porém, ao pressupor a tradução como *relação*, produz uma reflexão centrada no *acontecimento* da relação.

Esse acontecimento, como destaca Cardozo, encarna uma *cena do traduzir*. Essa forma particular de escrita-em-relação é *cena de produção* e é também *cena de leitura*. Na cena de produção [*poiesis* da relação], a escrita seria pautada sempre e necessariamente “pela singularidade de uma determinada relação”. Já na cena de leitura do texto traduzido, “trata-se de identificar o modo como essa construção relacional se permite ler na cena de leitura”. Outro aspecto destacado por Cardozo é o fato de, como acontecimento da relação, a tradução não se dar num tempo único e homogêneo, mas nos tempos múltiplos e heterogêneos das cenas de produção e recepção.

Nesse acontecimento que é a tradução como relação, conforme Cardozo, “o outro tem lugar como limiar”. Assim, o outro, em sua alteridade, não é nunca mera projeção de um nós: “o outro *também* é para além de nós mesmos, o outro é também um outro – que se nos impõe, em alguma medida (ou melhor: em sua medida), de modo incomensurável, intransitivo”. Estamos diante do tempo de um movimento de *espaçamento* (écart), capaz de romper com os efeitos de um regime de indistinção do outro. Em sua brilhante tradução de écart, conceito caro a François Jullien, citado em epígrafe no início das “Notas”, por *espaçamento* [diferentemente de outras traduções

que optaram por “defasagem” ou “distanciamento”], Mauricio Cardozo destaca o fato de a relação se construir como espaço: “não como um espaço físico, dimensional, extensível, mas, sim, na liminaridade de um espaço acontecimental, como um “ter lugar”, uma ocasião possível de convivência – um espaço do ethos, ético”.

A síntese de Mauricio Mendonça Cardozo de suas reflexões sobre tradução e relação se vincula de modo mais direto com os artigos reunidos na primeira parte deste livro, que chamamos precisamente de “Tradução em relação”. No primeiro desses estudos, intitulado “Tradução como Relação: apontamentos sobre a reflexão tradutória nos ensaios de Édouard Glissant”, Henrique Provinzano Amaral convive com este acontecimento que é a “reflexão tradutória” na ensaística do filósofo e escritor martinicano Édouard Glissant (1928-2011). Autor nascido e crescido na ilha caribenha da Martinica, no arquipélago das pequenas Antilhas, Glissant teve contato, desde cedo, com uma multiplicidade de línguas, sobretudo o francês e o crioulo, línguas de sua ilha, bem como o espanhol, o inglês, o francês e os outros crioulos das ilhas vizinhas. Essa experiência o leva a adotar o princípio de escrever de maneira multilíngue no interior de uma única língua, dado que “o multilinguismo não supõe a coexistência das línguas nem o conhecimento de várias línguas, mas a presença das línguas do mundo na prática de sua própria língua”.

Coerente com esse entendimento, Glissant acaba dedicando apenas nas décadas de 1990 e de 2000 algumas reflexões a respeito da tradução. Mesmo se esparsos, como bem nota Amaral, esses ensaios têm suscitado crescente interesse nos Estudos da Tradução, dentro de fora do país. Os dois motivos principais desse interesse seriam: a) a importância conferida à tradução e à figura do tradutor nessas passagens glissantianas a eles dedicadas; b) o modo como esses temas se colocam em diálogo com outras noções matriciais do pensamento do autor, tais como a de *Relação* [*Relation*] e de *crioulização* [*créolisation*].

É na conferência “Línguas e linguagens” de Glissant que Amaral encontra sua chave. A ideia de multilinguismo e de coexistência no interior de uma mesma língua se vê ampliada quando Glissant afirma que “da mesma forma que o escritor realiza essa totalidade, doravante, através da prática de *sua* língua de expressão, o tradutor manifesta essa totalidade através da passagem de *uma* língua para a outra, sendo confrontado com a unicidade de cada uma dessas línguas” (Glissant 1995[2005, p. 55]). Nessa forma particular de escrita-em-relação, descrito aqui como confronto, prossegue Glissant “a linguagem do tradutor age como a crioulização e como a Relação no mundo, ou seja, essa linguagem produz imprevisível”. Como bem lembra Amaral, é o imprevisível do encontro que distingue a crioulização da mestiçagem. Na crioulização há produção de linguagem [Glissant fala de uma linguagem caribenha que atravessaria e estaria para além das línguas falada na região], havendo, portanto, *poiesis*, pois se trata, como na tradução, da produção de algo que não existia anteriormente.

Quanto à ideia de Relação [com ‘r’ maiúsculo] glissantiana, aponta Amaral, “se é difícil (talvez impossível) defini-la – e o próprio autor joga com essa dificuldade, ao escrever, por exemplo, que ‘[a] ideia de relação não preexiste (à Relação)’, ela não deve ser subestimada em favor apenas da crioulização”. É partindo de uma leitura comparativa entre a ideia de *Relação* em Glissant e de *relação* em Cardozo — atravessando ambas com reflexões sobretudo a respeito de Water Benjamin e de Antoine Berman — que Amaral vai, por aproximações e espaçamentos, tensionando essas compreensões, vislumbrando limiares, reconhecendo no “outro” sua opacidade [se pensarmos com Glissant] ou sua intransitividade [se pensarmos com Cardozo]. Impossível resumir em poucas linhas todos os caminhos percorridos nos “Apontamentos” de Amaral, cujo caráter abertamente processual instiga a continuarmos acompanhando a pesquisa por vir, cujas sementes aqui lançadas prometem bons frutos...

“A relação e o relacional para ler a prosa de Mallarmé hoje: uma abordagem (re)tradutória”, de Caroline Pessoa Micaelia, como se nota no título, também dialoga de modo mais direto com as inquietações de Cardozo. Nele são exploradas algumas possibilidades (literárias, críticas, (re)tradutórias) para um pensamento sobre a *relação* na obra em prosa de Mallarmé com vistas a investigar de que forma um olhar de conjunto conseguiria aprofundar aquilo que, num primeiro momento, poderia parecer uma simples recorrência terminológica.

Para tanto, a autora busca primeiramente comentar a ideia de relação na recepção mallarmeana dos últimos 20 anos, com foco nas pesquisas de Pascal Durand e de Bertrand Marchal. De Pascal Durand, Micaelia retoma, por exemplo, a passagem em que destaca que “o pensamento relacional [*pensée relationnelle*]” de Mallarmé “convoca uma leitura relacional [*relationnelle*] dos textos nos quais esse pensamento se elaborou” e “atenta, tanto à lógica de sua argumentação e de seu agenciamento retórico, quanto às relações [*rappports*] que ligam sua interioridade estrutural à exterioridade sociocultural que a formulou”. Durand, prossegue Micaelia, propõe assim *uma leitura relacional* dos textos mallarmeanos; o que “impõe não somente relacionar [*rapporter*] tanto os objetos tratados como os argumentos mobilizados pelo poeta a dados emprestados da história dos campos artístico e literário, mas também interrogar os modos, a lógica e as condições de legitimidade das relações que o próprio poeta estabelece.” Estudos recentes de Bertrand Marchal, observa a pesquisadora, seguem na mesma direção, ao afirmarem que “o pensamento mallarmeano é um pensamento da relação [*rapport*]” que não pode ser compreendido como tendo cunho teórico sem vínculo algum com o texto e o contexto no qual se insere. As análises depreendidas desde aí levam Micaelia a considerar que “Mallarmé discute uma questão de seu tempo, e entendê-lo dessa forma, ou seja, na relação com seu tempo, com sua própria vida e com a tradição na qual ele está inserido, é entendê-lo como alguém que está poeticamente pensando seu contemporâneo, testemunhando sua época”, leitura essa que se dá a contrapelo da recepção de sua obra

na segunda metade do século XX, que tendia a compreendê-la isoladamente de seu contexto de produção.

Partindo dessa recontextualização, a autora se debruça sobre algumas manifestações da ideia de relação em Mallarmé. Um dos textos explorados é *A Música e as Letras*, cuja análise leva Micaelia a considerar que, nessa famosa conferência, a *relação* como *rapport* aparece em todo seu poder criador. Nela, o sensível e o inteligível não se dissociam, e “as coisas passam a ter lugar a partir do momento em que lhes conferimos um lugar em nosso imaginário”. Assim, neste, como em diversos momentos de sua obra, “direta ou indiretamente, em correspondência ou em textos poético-críticos”, Mallarmé “dá espaço ao debate sobre a necessidade de um pensamento relacional e/ou da relação”.

O pensamento sobre a relação, como bem nota Micaelia, se encontra ainda no campo estrutural da prosa crítica mallarmeana. São identificados e exemplificados cinco procedimentos relacionais por meio dos quais sua obra é arquitetada, a saber: “1) a adaptação de certas proposições para novos textos; 2) o rearranjo de certas temáticas de um texto a outro; 3) o recorte de trechos de um dado texto que passam a existir como texto independente; 4) a extração de um excerto que passa a ter parte, *ipsis litteris*, em outro texto; e 5) a reunião de diversos trechos, provindos de diferentes trabalhos, para constituir um único texto”. A exploração desses procedimentos, todos devidamente ilustrados, permite a Micaelia defender que:

Mallarmé “se mostra um poeta da tradução; um poeta cuja obra não depende única e exclusivamente da língua francesa para existir. E porque sua obra pede outras formas de existência, ou ainda, para falar com Maurício Cardozo (2019), em seu trabalho “Tradução e o (ter) lugar da relação”, porque sua obra que pede outras “formas de vida”, é desconcertante notar a ausência de pesquisas partindo da abordagem (re)tradutória – ou mesmo sobre questões de (re)tradução, de modo geral – nos últimos dois colóquios internacionais sobre o poeta.

Contribuindo de modo original para os estudos mallarmeanos, na conclusão, a (re)tradução como abordagem de leitura aparece como uma maneira produtiva de se estudar esse *corpus* de modo relacional. Uma vez mais, é o texto *A Música e as Letras*, com sua complexa composição e ricas formas de circulação e de recepção no Brasil e na França, que permite a Micaelia destacar como a retradução amplia as “formas produtivas de se relacionar com esses tantos Mallarmés construídos entre o final do século XIX e este começo de XXI, e chegar a um outro sem para isso ter de destruir os demais”. Valendo-se da reflexão de Cardozo, a pesquisadora demonstra, desse modo, “um tipo de ‘responsabilidade’ necessária – pelo menos em potência – ao se tratar dessa obra, ou mesmo, pensando, de outra forma, no Édouard Glissant de “Langues et langages” (1996), uma maneira de ser si próprio “sem se fechar ao outro” e uma maneira de “consentir ao outro, a todos os outros, sem renunciar” a si próprio”.

Em suas “Notas” escritas para esta recolha, Mauricio Mendonça Cardozo aponta que:

há uma infinidade de contextos sócio-discursivos em que textos são traduzidos apenas para cumprirem um fim mais predominantemente instrumental, sem que sua condição de produção (como tradução) seja levada em conta como dado relevante no momento de sua leitura. No entanto, são também muito comuns as circunstâncias em que um texto traduzido – por mais que produzido para ser lido como tradução de outro texto, como no próprio universo da tradução literária – acaba sendo lido sem que sua condição tradutória – sem que a evidência da relação que funda essa condição particular – tenha maiores consequências em sua cena de leitura: como se simplesmente não se tratasse de um texto traduzido, como se a condição tradutória desse texto não fizesse a menor diferença. Em geral, essa circunstância de recepção não costuma representar maiores problemas para a leitura de um texto traduzido enquanto “texto”, mas minimiza a possibilidade de leitura desse texto como um “texto traduzido”.

Em seu instigante ensaio “Legibilidade e visibilidade em relação na tradução dos *Cahiers* de Simone Weil”, Thiago Mattos ilustra e amplia de modo original as questões colocadas acima. O contexto sociodiscursivo com o qual trabalha é especialmente propício a esse tipo de reflexão. Trata-se de pesquisa sobre as relações entre o que se dá a ler e o que se dá a ver na tradução dos *Cahiers* de Simone Weil (1909-1943).

Com observa Mattos, atravessando a filosofia pré-socrática, os Upanixades, a mística cristã, o zen-budismo, o tantra tibetano, a poesia francesa, as leis da termodinâmica, a filosofia da ciência, entre outras fontes, esses *Cahiers* são feitos de aforismos, esboços de artigos, tentativas ensaísticas, poemas rascunhados, traduções nunca terminadas e certa escrita de si. Tal escrita cumulativa, nunca revisada e aparentemente imediata relaciona-se com a tríade pensamento (crítica, reflexão teórico-filosófica), escrita (criação verbal, ensaísmo) e vida (práxis, experiência) que está no centro da forma de Weil conceber a própria filosofia.

Os modos como esses cadernos têm sido editados surge, pois, como uma questão central, dadas as singularidades presentes nos inacabamentos que o caracterizam. Antes de se debruçar especificamente sobre a questão, Mattos faz uma síntese bem informada na qual destaca as principais fases da recepção da obra de Weil, seus primeiros grandes leitores e as publicações da autora existentes no Brasil. É, contudo, na terceira parte do ensaio que, sempre em diálogo com os contextos de recepção e de edição, encontramos o cerne da reflexão sobre as tensões presentes na tripla relação entre original manuscrito, sua edição (texto estabelecido) e sua tradução.

Mattos parte do artigo “Tradução e surpresa: vida e alteridade do poema em tradução” de Mauricio Mendonça Cardozo, publicado em 2019, do qual destaca o modo como a presença do poema original, numa edição bilingue, “assombra” a tradução. Mattos relaciona esse uso do verbo “assombrar” com os escritos de Verónica Galíndez nos quais ela destaca o “assombramento” que a “monstruosidade” dos manuscritos

costuma causar, tanto para o leitor como para o pesquisador. Ao colocar esses dois modos de relação em diálogo, o autor do ensaio se pergunta:

Como, via tradução, construir outro tipo de relações entre o manuscrito, sua edição e sua tradução? Como admitir para cada uma dessas três instâncias uma “forma singular de vida” - retomando os termos de Cardozo (2019) -, que nem assombre (faça sombra) sobre as demais, nem suas sombras procure esconder? Como fazer surgir dessa triangulação tensa o assombramento (a surpresa) do original-manuscrito na sua tradução-edição?

As respostas elaboradas se dão por meio de algumas estratégias de tradução-edição. Sem a pretensão de explorá-las exaustivamente, nem tratá-las como soluções definitivas, Mattos identificou nos *Cahiers* duas linhas de força — “o belo”; “o infortúnio” — e delas derivou uma terceira, que chamou de “o belo infortúnio”. Sublinhe-se que os títulos são expressões originadas da própria Simone Weil em variados momentos dos *Cahiers*, que não visam ser uma antologização dos “melhores trechos” dos cadernos, mas seleção de linhas de força dentro de certo campo temático altamente relevante nas obras de Weil. Essa seleção de trecho também levou em conta a heterogeneidade de temas e de gêneros do discurso. Para dar a ver o manuscrito weiliano, Mattos traz ainda breve seleção de fac-símiles dos manuscritos.

O pesquisador acrescenta que essas estratégias de tradução-edição elaboradas funcionam, não como solução para o “inacabamento”, mas como explicitação da uma dupla tensão incontornável ali em jogo, a saber, “de que não é possível nem fugir totalmente da assombração do ‘original manuscrito’ nem da necessidade de torná-lo legível”. Na solução adotada a que referimos, o manuscrito, segundo Mattos, “resta como lugar de assombração (fazendo sombra sobre toda tentativa de estabelecimento *tout-court*), mas podemos colocá-lo também como lugar de assombramento (surpresa). Para além de

esconder o manuscrito e para além de sacralizá-lo, podemos simplesmente *dar a ver e a ler* essa tripla tensão no corpo da edição-tradução”. Produz-se, desse modo, na *cena da tradução* apresentada pela *poiesis* tradutória de Mattos, uma dupla encenação: “a reencenação da cena da escrita e a reencenação da cena da edição-tradução”. Cena esta que, seguido os passos de Cardozo (2019), procura tratar a tradução-edição como “forma singular de vida [...] para além de um cálculo em que a relação tradutória se reduza aos assombros de uma negatividade”.

Em “Tradução e derivação: três olhares”, Mateus Roman Pamboukian discute a tradução como relação a partir de três perspectivas teóricas: tradução como refração (Andre Lefevere), tradução como plagiotropia (Haroldo de Campos) e tradução como hipertextualidade (Gérard Genette). Dentre as três perspectiva, ganha relevo a hipertextualidade de Genette que, como diz o próprio autor francês, “é apenas um dos nomes dessa incessante circulação de textos sem a qual a literatura não valeria a pena”. Tal concepção da literatura, conforme Pamboukian, se aproxima da plagiotropia de Haroldo de Campos, para quem a apropriação da historicidade do texto-fonte é pensada como construção de uma tradição viva, como um processo de “tradução da tradição” através de um “novo texto que usurpa” e que, ao mesmo tempo, “atualiza a tradição segundo o princípio poundiano do *Make it new*”.

Como observa o pesquisador brasileiro, a grande diferença é que, para Haroldo de Campos, a tradução tem um papel preponderante nesse processo, enquanto para Genette a tradução é apenas uma das formas de “derivação por transposição”. Nesse sentido, comenta Pamboukian, que a articulação dos dois pensadores permite compreender a concepção da história da literatura como um movimento ininterrupto de derivação textual produzindo desierarquização salutar entre texto “original” e “traduzido”.

Não afeito a usos mecânicos de conceitos, Pamboukian dá uma enorme contribuição para o campo ao perceber que o poema “Caballos de Herodes” (1914), de Guillermo Valencia,

derivado de trecho do conto “Hérodias” (1877) de Gustave Flaubert, é um “processo de transformação textual não se limita a uma transposição do francês para o espanhol, tampouco àquilo que Genette chamou de versificação”. Percebe que Valencia “opera alterações mais radicais no plano do conteúdo do que as que costumeiramente se veem em traduções em sentido estrito”. Processos análogos ocorrem nos outros poemas estudados no ensaio, a saber: os poemas “Canção de Bug-Jargal” (1851) e “O canto de Bug-Jargal” (1883) de Gonçalves Dias e Castro Alves, derivados de trecho do romance *Bug-Jargal* (1826) de Victor Hugo; e o poema “Lendo o ‘Telêmaco’” (1887) de Raimundo Correia, derivado da fábula “Le jeune Bacchus et le Faune” das *Fables et opuscules pédagogiques* (1718) de Fénelon. Todos eles compartilham a condição de poemas derivados de trechos de prosa, e, para interpretar tais processos de transposição de prosa para verso, Pamboukian cria uma nova categoria de derivação hipertextual: “a transposição de gênero”.

Ainda que essa recategorização por si só seja de grande valia, a análise não se resume a ela. O autor avança e, informado por Serrurier (2017) e por Lefevere (2007), associa tais práticas a certa poética tradutória que teria vigorado na América do Sul no século XIX. Nesse sentido, nota-se que, segundo Serrurier, “contrariamente ao que acontece na França no século XIX, em que a tradução da poesia oferece a ocasião de experimentar poeticidade em prosa ou versos livres, os tradutores latino-americanos exploram um horizonte de tradução sempre caracterizado por aquilo que chamamos de metromania”. (Serrurier 2017, p.241) Pamboukian associa essa reflexão à discussão de Lefevere sobre o papel das poéticas nas traduções, notadamente a respeito do uso de rimas em traduções do poema número 2 de Catulo (84 a.C.–54 a.C.) feitas no século XIX, quando afirma que a necessidade da rima não derivaria da estrutura do poema original, mas seria “imposta aos tradutores pela ‘poética da tradução’ de seus dias, que, no século 19, considerava que traduções de poemas aceitáveis deveriam fazer uso das estratégias ilocucionárias do metro e da rima”.

Tais descobertas ganham ainda outra camada interpretativa na conclusões. Pamboukian recorre a Mauricio Mendonça Cardozo (2013) quando este observa que, no pensamento dito moderno sobre a tradução, “toda tradução articula um modo de relação com o outro quanto ao pressuposto de que, ao fazer isso, toda tradução constitui ocasião propícia para a percepção não apenas de um outro, mas, também, de si mesmo e da ordem relacional que é fundante desse eu e desse outro da relação tradutória”. Assim, ao evidenciar a tendência versificatória do século XIX à qual se soma a metromania ibero-americana, é possível termos uma “percepção” de nós mesmo e da “ordem relacional” fundante do que a “tradução” implica em determinado contexto.

\* \* \*

Na segunda parte do livro, intitulada “Espaços de transformação”, desloca-se a discussão para outros campos do conhecimento, nos quais a própria ideia de tradução não é necessariamente mais textual, como propõe Mauricio Mendonça Cardozo.

No primeiro texto, são tensões ontológicas que adquirem densidade teórica. Em “Prolegômenos para uma ontologia da tradução: parte I”, Leandro T. C. Bastos, com sua instigante capacidade de apontar para outros possíveis, relativiza a própria ideia de uma ética da tradução como condição para uma ontologia. A relação entre tradução e filosofia ganha novos contornos ao ser colocada a partir do sistema filosófico de Alain Badiou. Para tal, é apresentada inicialmente uma breve história da lógica da cisão interna — entre homem e mundo, homem e outro e homem e si próprio —, sendo este o regime de imaginação que melhor exprimiria a condição dominante do homem-branco. Destaca-se, nesse transcurso, o pensamento de Kant que, segundo Bastos, no seu *Crítica da Razão Pura*, leva o processo de naturalização e de generalização da lógica dualística do sujeito ocidental a seu auge.

A resposta elaborada por Badiou, em *Ser e evento*, a esse sujeito contemporâneo dual — vazio e clivado — se dá pela “ontologização da matemática, mais especificamente, da teoria dos múltiplos transfinitos, de Cantor”. Simplificando ao extremo para torná-la compreensível ao leitor leigo, Bastos atenta para a noção de conjunto cantoriana, segundo a qual “estamos o tempo todo falando de múltiplos compostos de outros múltiplos. Mesmo o que chamamos de vazio seria apenas um regime de multiplicidade inconsistente, não apresentada ao pensamento.” Não estamos tão distantes da cena do traduzir de Cardozo, com seus tempos múltiplos e heterogêneos, mas para Badiou, “só o que se liga ao vazio é ontológico”. É esse vazio que irá permitir ao evento não se prender ao determinismo: “se o vazio é tematizado, é preciso que ele o seja na apresentação de sua errância.”

Bastos em seguida detalha os axiomas de determinação das condições em que os múltiplos podem se combinar para formação de estruturas; assim como os “estados de situação” [de pertença e não pertença, de inclusão e exclusão...] em que são apresentados e representados os “tipos de ser” [a natureza, a história, o cotidiano]. Depreende-se daí que, para o filósofo francês, os únicos múltiplos com todos os elementos inclusos são os naturais, sendo a história sempre incompleta, parcial, com critérios sempre locais; o que exige “intervenção”. Para Badiou, “intervenção consiste, ao que parece, em apontar que houve indecidível, e decidir sua pertença à situação. Somente assim o múltiplo se torna histórico, quer dizer, um evento” (Badiou 1996[1988, p. 166]). Como precisa Bastos, “é através de um ato exterior aos eventos, portanto, que múltiplos históricos eventuais se configuram como eventos, como acontecimentos de sentido histórico. Após ser organizado, ganhar sentido próprio, o evento passa a ser dominado por outro axioma, o da fidelidade”.

Nesse momento de sua densa argumentação, Bastos retoma as condições colocadas por Badiou para a formação de um sujeito não dual e cindido. Esse sujeito para Badiou é “o próprio processo da ligação entre o evento (portanto, a

intervenção) e o procedimento de fidelidade.” Reproduzimos abaixo as considerações de Bastos a respeito:

O sujeito seria o momento, o ponto, em que as possibilidades abertas à história em toda sua multiplicidade (chamada de enciclopédia) ganha sentido num ato de intervenção. Esse ato é ontológico, pois não pertence às possibilidades já vislumbradas nos próprios múltiplos históricos, mas se enraíza no vazio. É aí que surge uma nova fidelidade, e é aí que se configura o sujeito. Por isso mesmo Badiou diz: “Fidelidade não pode depender só do saber. Não se trata de um trabalho erudito: trata-se de um trabalho militante” (Badiou 1996[1988, p. 261]). É fundamental nessa definição o fato de a intervenção vir do vazio. Isso, como já dito, garante seu caráter ontológico, mas garante também que não se confunda a intervenção com uma arbitrariedade de um indivíduo autônomo. O sujeito cria um processo de fidelidade, configurando eventos históricos através da intervenção, mas ele também é criado pela intervenção. Antes disso, nossa condição de sujeito não está assegurada. Antes disso integramos múltiplos entre múltiplos.

Para o campo dos Estudos da Tradução, que sempre visita e é visitado pelos conceitos ou axiomas da fidelidade, as considerações de Badiou via Bastos podem ser de grande interesse. Ao compreender o ato ontológico como não pertencente às possibilidades já vislumbradas nos múltiplos históricos, mas no vazio [que não se confunde com a arbitrariedade de um sujeito], a fidelidade não é preconcebida ou predeterminada, mas criada pela intervenção e pelas condições de existência dadas. Como se lê acima, “trata-se de um trabalho militante” e daí acreditamos poder se depreender um *ethos*, cuja existência depende de uma ação a partir da qual se configuram eventos históricos. Trata-se, pois, de ser fiel a uma subjetividade múltipla reinstaurada a cada ação.

Essas ações, situadas à beira do vazio — e, por isso, para Badiou, ontológicas — estão em plena movência; o que leva a crer

que “manter uma perspectiva que parta do sujeito, ou da cultura, ou da razão, seria apenas mais uma negação da movência. Não se trata de promover uma perspectiva pós-estruturalista, que é um dos passos dessa movência. Mas se trata, também, de se perguntar sobre novas recombinações”. Bastos parte desse entendimento para se aproximar da antropologia, disciplina que já teria feito sua virada ontológica. Um de seus pressupostos destacados por Bastos é a recusa dessa nova antropologia em se comprometer com qualquer eixo de reflexão a priori. Citando Holbraad e Pedersen, Bastos nota que “a noção de modular o conceito ou, para nós, o dado tradutório, é fundamental, pois é daí que vem a capacidade de deixá-lo perpetuamente em aberto”; o que o leva a concluir que “se numa abordagem ética é preciso incluir o outro, numa abordagem ontológica é preciso buscar ser o outro do outro”.

Podemos retomar as “Notas” de Cardozo, quando afirma: “O outro não tem lugar ‘no’ limiar da tradução – como se esse limiar fosse um espaço à parte, um lugar à parte das partes da relação. Na tradução (como relação), o outro tem lugar ‘como’ limiar, na condição de liminaridade do que nos é próprio”; e a condição de liminaridade própria da virada ontológica trazida por Bastos aponta para a busca de “ser o outro do outro”. Como lembra Bastos, essa abordagem ontológica, para Holbraad e Pedersen, “transforma o procedimento negativo da desconstrução no procedimento positivo da reconstrução, na relação entre o dado variável em questão e as crenças ontológicas variantes do pesquisador”. Essa transformação procedimental serve tanto para fazer uma leitura crítica da concepção de Antoine Berman do traduzir, de inspiração kantiana, bem como para esboçar uma primeira reflexão a partir de dois casos de tradução: a tradução de *klésis*, da Carta aos Romanos, por *Beruf*, na Bíblia de Lutero; e as questões envolvendo a tradução da cópula ontológica nos cantos marubo por Pedro Cesarino. Como anunciado no título do ensaio, trata-se ainda da “parte I” de um projeto de fôlego, cujos resultados mais desenvolvidos aguardamos com grande interesse...

Voltando-se mais para a *cena de recepção*, Maria Teresa Mhereb, em “Divisão sexual do trabalho e direcionalidade dos fluxos de tradução: um estudo sobre o romance traduzido no Brasil”, desde a perspectiva da sociologia dos agentes, discute a divisão sexual do trabalho de tradução literária no mercado editorial brasileiro contemporâneo. Partindo da observação de que cerca de 40% do mercado editorial no Brasil é de traduções, o que faz com que tradutoras e tradutores constituam uma categoria profissional chave para a máquina da indústria editorial, Mhereb atenta que ainda são poucas as pesquisas que se debruçam sobre as dinâmicas do mercado a que estão submetidos essas e esses profissionais, assim como os regimes e as condições de trabalho em que se encontram.

Para analisar esse aspecto tão pouco estudado da cena de recepção de traduções no Brasil, a autora primeiramente constata, via Michaela Wolf, que “toda tradução, como ato ou como produto, está necessariamente inserida em contextos sociais”. Nesses contextos, os agentes são tanto os indivíduos como as instituições “capazes de exercer poder”. No caso do mercado editorial, em geral, essa relação costuma ser assimétrica e as editoras costumam ter bem mais poder do que os indivíduos. Nesse sistema, as escolhas, lembra Mhereb, levam em conta o público leitor e os projetos de edição e de tradução são elaborados desde esse horizonte.

A pesquisadora brasileira, contudo, vai além e o faz mobilizando o construto teórico de Olga Castro e María Laura Spoturno, autoras que vêm trabalhando na construção e difusão da transdisciplina que denominam Tradutologia Feminista Transnacional. Trata-se de pensar desde aí a direção dos fluxos de tradução pelo globo como forma de “problematizar todo tipo de hegemonias na produção, circulação e recepção de conhecimentos”. Assim, na perspectiva adotada, a assimetria dos fluxos de tradução não é vista como separada das assimetrias de gênero, uma vez que ambas estão conectadas pelo sistema político-econômico vigente. Esse sistema capitalista-patriarcal, complementa Mhereb, subalterniza povos, culturas e sujeitos especialmente por meio das divisões social, internacional e

sexual do trabalho, estreitamente vinculadas umas às outras. Note-se ainda que a divisão sexual do trabalho, foco da pesquisa, caracteriza-se pela “responsabilização das mulheres pelo trabalho reprodutivo, realizado de forma gratuita ou muito mal remunerada”.

A pesquisa realizada, informada pela reflexão acima sintetizada, debruça-se sobre tradução do gênero textual romance no mercado editorial brasileiro contemporâneo, tendo como recorte temporal o período do ano 2000 ao de 2019. Os números foram levantados a partir dos catálogos disponíveis *online* de onze editoras com importante produção e rede de circulação no país e, portanto, com expressivo poder de influência – ou agência. Considerando tais catálogos, assim como uma série de pesquisas internacionais a respeito dos fluxos e direcionalidade de traduções, Mhereb, o estudo sobre a divisão do trabalho de tradução de romance no Brasil no âmbito das editoras nacionais com expressivas produção e rede de circulação aponta para uma maioria de homens atuando na tradução desse gênero textual, por ser um gênero ainda demasiadamente prestigiado socialmente. Há, pois, divisão sexual do trabalho também por gênero textual.

Na conclusão, Mhereb constata ainda a abissal assimetria nos fluxos de tradução, uma vez que as obras provenientes do chamado Sul Global representam apenas entre 1% e 2% do total de obras estrangeiras publicadas em tradução nos Estados Unidos e na Inglaterra, enquanto 59,7% dos romances traduzidos pelas editoras estudadas publicados no Brasil têm o inglês como idioma de partida. Quando consideradas apenas as obras escritas por mulheres, esses números são ainda maiores, pois 91,6% dos romances catalogados foram escritos por mulheres do Norte Global.

Ao se debruçar sobre as relações de poder envolvendo fluxos e direcionalidades globais, articulando-o com a divisão sexual do trabalho, Mhereb contribui para dar visibilidade a essas questões centrais, mas muitas vezes veladas que envolvem o *trabalho* da tradução. Diante de tais constatações,

a pesquisadora brasileira opera a partir da premissa de que, na cena de tradução, aquelas e aqueles que refletem sobre tal situação podem também ser agentes de transformação do modo como a razão relacional em jogo no mercado da tradução se configura. Como afirma Mhereb nas linhas finais de seu estudo: “disputar politicamente o cânone, promover encontros transfronteiriços entre aquelas e aqueles que têm lutas em comum, repensar contratos e salários e subverter a atual distribuição do trabalho entre os gêneros são algumas de suas tarefas”.

Situando-se claramente na *cena de produção*, “Les oies sauvages: uma abordagem antropológica, análise e traduções”, de Álvaro Faleiros e João Daniel Martins Alves, propõe uma dupla poética tradutória para o poema “Les oies sauvages”, um dos dezenove poemas que compõem a coletânea *Des vers* de Guy de Maupassant. Publicado em 1880, ele se encontra na rara recolha de poemas deste que é um dos grandes prosadores franceses do século XIX. A reflexão inicia-se com detalhado estudo do poema de Maupassant e de como traduzi-lo a partir de abordagens semióticas, visando aproximar a tradução do poema original quanto à forma, ao sentido e ao ritmo. Chama a atenção no poema o tema da liberdade, tratado pela comparação entre gansos selvagens e gansos domesticados.

Essa tensão entre o selvagem idealizado como livre e o domesticado como metáfora do cativo inspirou a leitura transversal informada pela antropologia multiposicional e reversa de Viveiros de Castro. Nasce assim a segunda proposta de reescrita, “Grasno Ganso”, nomeada de “outradução”, que se distancia de paradigmas eurocêtricos ao inspirar-se enunciativamente e formalmente nos *yāmîy* — “cantos-espírito agentivos” Maxakali. O resultado é a transmutação do ganso de Maupassant que, rompendo com a tradição romântica, passa de observado a observador. No acontecimento que é a tradução como relação assim performado, o “outro” serve de lugar de construção de um limiar outro. A alteridade projetada não nega

o incomensurável, o intransitivo do outro. Com efeito, quer-se apenas, exercício de *espaçamento* (écart), cujo movimento, almeja ser ocasião possível de convivência, instauração de um estado de escuta e *transformação*.

Em “Da práxis antropofágica: Oswald de Andrade sob o signo da tradução”, Edgar Rosa Vieira Filho se debruça sobre as relações existentes entre poesia e pintura na obra do filósofo e escritor modernista. Para tal, o autor do ensaio analisa a poética criadora de Oswald de Andrade (1890-1954) na contraluz da metáfora-conceito da antropofagia, elaborada pelo próprio autor no seu *Manifesto Antropófago* (1928).

Categorizações como intertextualidade, *ready made*, colagem, paródia, pastiche etc. permeiam textos críticos acerca da sua produção artística. Nesse sentido, o pesquisador busca compreender a singularidade que tais mecanismos de apropriação textual assumem nos contornos de sua poética. Vieira Filho parte da constatação de que Marília Garcia (2015), ao se valer da proposição terminológica triádica (tradução intralinguística, tradução interlinguística e tradução intersemiótica) do linguista russo Roman Jakobson (1959), vislumbra na poética criadora do autor modernista a mobilização de procedimentos tradutórios. Em seguida, discute a razoabilidade dessa aproximação, primeiramente, observando com Anthony Pym que o que se denominou paradigma da “tradução cultural” corresponde a “abordagens que utilizam a palavra ‘tradução’, porém não se referem a traduções como textos finitos”. São abordagens que “utilizam o termo tradução como metáfora conceitual para refletir sobre fenômenos diversos em que a operação de transposição linguística/textual não está necessariamente implicada”. Nesse sentido, enfatiza-se a noção de tradução mais propriamente como um processo e menos como um produto. E é “o processo que atravessa a criação de tal produto [que] pode ser observado sob essa óptica”.

Ciente de que está lidando com conceito amplo e processual do traduzir, Vieira Filho procura exemplificar e

analisar “possíveis movimentos de tradução (no seu sentido técnico e metafórico) dos quais teria se valido Oswald de Andrade ao produzir sua obra poética”. O pesquisador tem, nesse ensaio, como *corpus* de análise, a primeira obra poética do autor, *Pau Brasil* (1925), e um dos seus últimos poemas publicados em vida, “O escaravelho de ouro” (1946).

Vieira Filho nota em sua análise que há, na composição oswaldiana, “um movimento duplo e simultâneo de apropriação”, uma vez que, por um lado, em nível macro, há estruturas e temáticas que emulam formas clássicas, medievais e modernas e, por outro, há também apropriações de material textual em seu nível micro. Nas análises são descritos, em sua complexidade, vários desses procedimentos, envolvendo tanto textos históricos, como contos e pinturas.

Em suas considerações finais, Vieira Filho retoma uma das raras reflexões oswaldianas a respeito de tradução, quando, na folha de rosto da edição original do romance *Serafim Ponte Grande* (1933), Oswald escreve: “Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas”; o que o leva a afirmar: “há nessa elaboração uma tríade, que poderíamos, não sem ressalvas e nos valendo de licença crítica, sobrepôr à tríade de Jakobson. Nessa nova perspectiva de análise, não mais se tentaria compreender essa multiplicidade de procedimentos de apropriação na poética oswaldiana como práticas tradutórias em si”. O pesquisador, desse modo, devora a própria ideia de tradução, compreendendo as derivações oswaldianas a partir dos procedimentos internos à sua própria poética em relação com a proposta estético-filosófica da antropofagia.

O ensaio “Wallace Stevens e o uso de gêneros pictóricos: as Naturezas-Mortas”, de Alessandro Palermo Funari, também trabalha a relação entre tradução como metáfora e pintura. Como lembra o pesquisador, essa relação não é nada recente, e sua forma mais costumeira é a *écfrase*. No caso do poeta modernista estadunidense Wallace Stevens (1879-1955), objeto do estudo, o que busca assimilar são os elementos formais e estruturantes

de um gênero e retrabalhá-los em sua poesia. Para evidenciar esse processo, o poema *Floral Decorations for Bananas*, do livro *Harmonium* (1923), é analisado à luz de três quadros pintados por Adriaen Von Utrecht, Willem Kalf e Clara Peeters. A longa e acurada análise leva o crítico a concluir que o quadro de Clara Peeters é o que mais apresenta paralelos com o modo de criação poética de Stevens. Isso se deve ao fato de que “joga tanto com elementos comuns e normalmente não merecedores de tratamento artístico – frutas secas, pães – quanto com objetos finos – cálice, vaso, jarro, açúcar, taça veneziana”.

O estudo que encerra o livro, intitulado “‘Rémi’: ‘A Rita’ de Chico Buarque reinventada por Bia Krieger”, de Raissa Conde, como o título indica, se debruça sobre a tradução de canção. O artigo propõe assim análises da canção *A Rita*, gravada no disco *Chico Buarque de Hollanda* (1966), primeiro LP do compositor, e de sua versão em francês, *Rémi*, realizada pela cantora e compositora Bia Krieger e gravada em seu primeiro álbum, *La mémoire du vent*. Partindo da análise detida da canção original, com enfoque nas relações entre melodia e letra, Conde propõe um estudo das aproximações realizadas por Bia Krieger em sua versão em francês. No que diz respeito aos pressupostos teóricos, as análises se apoiam principalmente na semiótica da canção formulada pelo linguista Luiz Tatit e nos estudos sobre a tradução cantável de canções, compreendidos no “princípio do pentatlo” proposto por Peter Low. Trata-se, pois, de uma investigação de natureza interdisciplinar, posto que, na tradução cantável de canção, os versos traduzidos são necessariamente subordinados a um elemento extralinguístico: a música preexistente.

No que se refere às escolhas tradutórias, a hipótese é de que novos “espaços de compatibilidade” entre letra e música foram criados nas versões de Bia não apenas em decorrência das limitações impostas pela música preexistente e em virtude de questões contrastivas entre a língua de partida e a língua de chegada, mas em função de sua personalidade musical e

das expectativas de seu público receptor. Note-se que o estudo não perde de vista as implicações da simultaneidade entre os papéis de intérprete e de versionista desempenhados por Bia e tampouco o histórico de sua carreira de cantora e compositora radicada há mais de vinte anos na França e no Canadá. Para além do arcabouço teórico mencionado e de fundamentação teórica complementar, o texto se orienta, igualmente, pelas reflexões de Bia sobre o seu trabalho como versionista, expostas em uma entrevista.

Enfim, no (in)constante movimento em jogo nestas páginas, limiares vão se deixando entrever e possibilidades de entendimento se tornam permeáveis para aqueles que se arriscam e pensar em relação. Acreditamos ir nessa direção o esforço a que nos propomos aqui com o intuito de contribuir para que o próprio campo da tradução se transforme.

*Os organizadores*